

## PSICOTERAPIA E A “VERDADE SENTIDA NA CARNE” EM ROLLO MAY

AYALA, Sarita Carvalho\*

CARRIJO, Aline Franciele\*

GARCIA, Suzany Kemp\*

SILVA, Gislane Cristina Guerra\*

BERVIQUE, Janete de Aguirre\*\*

**Resumo:** Neste artigo discutem-se as principais idéias a respeito da teoria de Rollo May, com a vivência da “verdade sentida na carne”, o posicionamento do ser humano como indivíduo social, o “ser ou não ser eu”, a liberdade, bem como as implicações desta teoria no ambiente psicoterapêutico, no comportamento do psicólogo e de seu parceiro-terapêutico.

**Palavras-chave:** Rollo May, Teoria, Psicologia

**Abstract:** This article discusses the main idea about the Rollo May theory, with the experience of "truth felt in the flesh, the positioning of the individual human being in society," to be or not be me", freedom, and the implications of this theory in the psychotherapy environment on a psychologist and therapeutic-partner behavioral.

**Key Words:** Rollo May, Theory, Psychology

### 1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo geral, retomar a teoria de Rollo May a sua aplicabilidade na psicoterapia e, de forma mais específica, desenvolver o conceito da expressão de May “verdade sentida na carne”, trazendo o conceito em pauta para a dinâmica psicoterápica. Escolhemos como metodologia fazer uma breve revisão bibliográfica de títulos encontrados na biblioteca da ACEG em Garça – SP, e de artigos encontrados na base de dados do Google Acadêmico.

Para alcançar uma compreensão minimamente qualitativa do pensamento de Rollo May, é necessário empreender uma busca pelo seu conceito de existência,

\* Discentes do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça - SP.

\*\* Orientadora Docente do Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Saúde de Garça – SP

que é a pedra fundamental, já que sua teoria se encaixa no eixo existencial. May (1989) pontua que Ser, no sentido humano, não é dado de uma vez e para sempre. Como humanos temos que estar conscientes, ser responsáveis por nós mesmos e tornarmo-nos, assim, nós mesmos. Esse fenômeno é dado gradualmente, na medida em que o indivíduo vivencia situações e experimenta sentimentos, colecionando experiências e atribuindo significados a elas, se descobrindo sempre aberto a novas possibilidades (TRIPICCHIO, 2008; MARIANO, 2009).

Tornar-se consciente do próprio ser não significa ser explicado em termos sociais. A questão crucial é que o indivíduo, mesmo em sua própria consciência e responsabilidade, entenda que pode ser aceito. Essa é a base da experiência do “eu sou”, que culmina no fato que o ser humano tem direito de ser como é e de ser aceito, mesmo que por si mesmo, desta maneira (TRIPICCHIO, 2008).

Além da opção de ser, há a opção de não ser, que é a opção de abrir mão daquilo que se é, abandonando sua identidade para ser aceito pelos demais; aderindo a qualquer outro padrão socialmente aceitável, simplesmente para não cair no ostracismo; mas estes indivíduos perdem seu poder e sua qualidade de ser único (TRIPICCHIO, 2008).

## **2. A IMPORTÂNCIA DE SENTIR**

Considerando esses conceitos básicos, pode-se verificar que o socialmente comum e aceitável, que por muitas vezes é chamado de “normal”, torna-se uma força incapacitante ao ser humano; pois se interpõe à vontade e/ou necessidade de tomar partido, de fazer parte de forma assertiva, não somente ao que se aplica a questões sociais, mas, também, para aquelas questões pessoais e subjetivas de cada um (TRIPICCHIO, 2008).

O risco para o indivíduo que existe, à margem desta luta para abrir caminho em sua própria vida, é não reunir valores suficiente para significar as experiências que vive, é não reunir os valores suficientes para alcançar a verdade sobre si mesmo, para chegar ao “ser eu” (TRIPICCHIO, 2008).

Segundo Binswanger (1956, p. 144, apud Lessa e Noaves, 2006, p. 393) “*a psicologia e a psicoterapia, como ciências, não devem se dedicar apenas ao homem mentalmente doente, mas sim ao fenômeno humano como um todo*”.

No processo psicoterapêutico, o objetivo da psicoterapia não é enquadrar o parceiro terapêutico em padrões morais ou em modelos teóricos; o papel do psicoterapeuta é levar o mesmo a arriscar-se, a abrir sua mente ao grande campo de possibilidades passíveis de ação, é atribuir o valor necessário as experiências, para só então adquirir o valor necessário para analisar e encontrar a verdade a cerca de quem se é, encontrando suas próprias respostas para as questões que a vida apresenta (TRIPICCHIO, 2008; LESSA; NOVAES, 2006).

A vivência utilizada para empreender neste sentido é a “verdade sentida na carne”(MAY,in MILLION,1979). Isto é, fazer com que o parceiro-terapêutico se liberte de conceitos socialmente induzidos de forma automática, para viver e sentir, para criar novos sentidos, e permitir-se criar novos conceitos. É a experiência que é vivida em todos os níveis do ser, consciente e inconscientemente, mas nunca excluindo o elemento de responsabilidade e decisão consciente (MAY, in MILLION, 1979). Acrescenta que nada é verdadeiro ou real para o ser humano, a menos que ele participe, tenha consciência, e certa relação com a verdade e a realidade em questão; fora deste âmbito, tudo tende a tornar-se irrelevante e superficial.

Para May in: MILLON ,1979, um dos motivos que levam o homem a manter-se preso a esses conceitos estabelecidos é o medo, a ansiedade de descobrir seu próprio poder e os conflitos que podem ser desencadeados nesse processo.

Na psicoterapia, muito mais importante do que diagnosticar um tipo de personalidade ou de psicopatologia, é identificar a pessoa existente, concreta e singular (MARIANO, 2009). Para tanto, toma-se a Fenomenologia, que consiste no processo de tomar o fenômeno(fato), assim como ele é dado, assim como foi percebido pelo parceiro-terapêutico. O terapeuta deve despir-se de seus conceitos, teorias e suposições, e dedicar-se a ouvir, saber afastar-se dos dogmas impostos pelas instituições de ensino, que são utilizados para proteger o psicoterapeuta, mas que acabam protegendo o psicoterapeuta de seu paciente, e o impedem que esteja por completo no encontro ( May in MILLON, 1979). May afirma ainda que se o terapeuta, não consegue fazer com que seu encontro com seu parceiro-terapêutico seja vivenciado por completo, experienciado por completo, não conseguirá fazê-lo compreender o que é a “verdade sentida na carne”. Tal concepção é essencial para a psicoterapia, pois desloca a questão da verdade na clínica de um âmbito epistemológico, das teorias e das técnicas, para a existência do o indivíduo concreto, fora da esfera do conceito (LESSA; NOVAES, 2006).

Este conceito está intimamente ligado à importância da liberdade e da responsabilidade na psicoterapia. Quanto mais saudável mentalmente a pessoa for, mais será capaz de moldar criativamente os materiais da vida e, por conseguinte, mais senhora será de seu potencial de liberdade. É função do psicoterapeuta levar o parceiro-terapêutico a não só abrir os panoramas de sua vida e vivenciá-los, mas, também, a aceitar a responsabilidade pela direção e os resultados de sua vida. Somente com este conceito de liberdade formado e constituído de forma concreta, o parceiro-terapêutico terá a liberdade necessária para viver as experiências de forma integral e, dessa forma iniciar o processo de tornar essa experiência uma “verdade sentida na carne” por ele e, portanto, com significado próximo à sua realidade (MAY, 1989).

O psicoterapeuta guia seu parceiro-terapêutico por esse caminho através de algumas práticas como a sugestão, mesmo que esta seja duramente combatida por ser vista de forma errônea. Se o indivíduo recebe sugestões do meio em que vive, constantemente, por que somente alguns são seguidos, enquanto outros são sumariamente ignorados? O psicoterapeuta realizará essa prática levantando junto ao seu parceiro-terapêutico todas as alternativas construtivas e, desta forma, o próprio parceiro-terapêutico conseguirá deliberar e identificar qual seria a melhor opção pra si (MAY, 1989).

Durante esse processo, o parceiro-terapêutico irá esbarrar na questão da moralidade e daquilo que é esperado dele. Para ilustrar melhor esse conceito segue a história de Janice D., universitária de família tradicional, matriculada em um curso clássico, que vivia uma vida dentro dos padrões esperados por sua família e pela a sociedade. Até que um dia chega à sua aconselhadora e diz que se desligará de sua função, pois havia encontrado uma nova religião universal, que pregava que tudo que existia estava correto e que dado a esse fato, ela iria tomar um “porre”. Sua aconselhadora tomou a posição de não interferir de forma direta no julgamento e na decisão de Janice, e deixar que ela seguisse com seu plano. Janice tomou um “porre”, mas, logo após, voltou a sua vida, tomando algumas decisões que a tornaram uma pessoa mais autônoma, ainda que dentro dos padrões morais. Foi importante para Janice sua aconselhadora “permitir” que ela tivesse essa experiência, e que lhe desse a liberdade e espaço necessários para que Janice desse significado a essa experiência (MAY, 1989).

### 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve por objetivo elucidar conceito da expressão de May “verdade sentida na carne”, na dinâmica psicoterápica. Com isso foi possível observar que quando estabelecida, a relação terapêutica, é aberto um horizonte de possibilidades de existir e é através da “verdade sentida na carne”, que o parceiro-terapêutico entra em contato com sua própria existência, com o “ser eu”; pois, somente o contato com o eu verdadeiro ou real, é capaz de promover mudanças, bem como responsabilidade e decisão.

É ressaltado, no desenvolvimento do artigo, a importância da liberdade: ao parceiro-terapêutico de experimentar, ao psicoterapeuta de entender e ouvir sem conceitos pré-formados nas instituições de ensino, ou em qualquer outra entidade reguladora e como essa mesma liberdade faz com que ambos possam crescer de forma saudável e equilibrada.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LESSA, A. M.;NOVAES R. de S.. **A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico-existencial**. *Análise Psicológica*. jul. 2006, vol.24, no.3, p.393-397. Disponível em: <[http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2006000300013&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2006000300013&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13 de março de 2011.

MARIANO, A. P. R. **Especificidades do processo psicoterapêutico fenomenológico-existencial**. Abr. 2009. Disponível em: <<http://www.espacocuidar.com.br/psicologia/artigos/especificidades-do-processo-psicoterapeutico-fenomenologico-existencial>>. Acesso em: 13 de março de 2011.

MAY,R. **A arte do aconselhamento terapêutico**. 2<sup>o</sup> ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1989

MAY,R. *Psicologia Existencial*. In: MILLON, T. **Teorias de psicopatologia e personalidade**. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979, p.132-137.

TRIPICCHIO, A. **Tópicos sobre Rollo May** in *Rede Psi*. Jan.2008. Disponível em: <http://www.redepsi.com.br/portal/modules/smartsection/item.php?itemid=1032>. Acesso em 13 de março de 2011.